

Selma Paula Maciel Batista

Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Professora da Universidade Estadual do Amazonas (UEA)  
selma.batista@unesp.br

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Presidente Prudente), bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq  
beltrao.sposito@unesp.br

---

# A pesquisa narrativa nos estudos urbanos: uma análise das práticas espaciais cotidianas para compreensão da lógica socioespacial fragmentária<sup>1</sup>

## Resumo

Nesse artigo, utilizamos a vida cotidiana como fio condutor, para explorar as práticas espaciais de mobilidade, consumo, lazer e trabalho no espaço urbano. Para isto, faz-se uso da narrativa de três mulheres, residentes em espaços residenciais fechados de médio e alto padrão, na cidade de Presidente Prudente, oeste do estado de São Paulo, Brasil. Para este registro, utilizou-se o procedimento da entrevista semiestruturada e, para análise e interpretação, empregamos as estratégias de sistematização próprias da pesquisa narrativa. Ademais, a partir da localização dos residências, com base no georreferenciamento dos trajetos das práticas espaciais e do raio de mobilidade para identificar áreas de convergência comum entre as entrevistadas, foi possível observar a sobreposição da lógica socioespacial fragmentária à estrutura urbana centro-periférica.

**Palavras-chave:** Pesquisa Narrativa, Práticas Espaciais Cotidianas, Fragmentação Socioespacial, Presidente Prudente.

## Abstract

### NARRATIVE RESEARCH IN URBAN RESEARCH: THE ANALYSIS OF EVERYDAY PRACTICES FOR THE UNDERSTANDING OF FRAGMENTARY SOCIO-SPATIAL LOGIC

In this article, we use everyday life as a guiding thread to explore the spatial practices of mobility, consumption, leisure and work in the urban space. To do this, we use the narratives of three women living in medium and high-end closed residential areas in the city of Presidente Prudente, in the west of the state of São Paulo, Brazil. The semi-structured interview procedure was used for this recording and, for analysis and interpretation, we employed the systematization strategies typical of narrative research. In addition, based on the location of the residences, the georeferencing of the routes of spatial practices and the radius of mobility to identify areas of common convergence between the interviewees, it was possible to observe the superimposition of fragmented socio-spatial logic on the central-peripheral urban structure.

**Key-words:** Narrative research, Everyday Spatial Practices, Socio-spatial fragmentation, Presidente Prudente.

## 1. Introdução

No presente artigo, a proposta é contribuir para a compreensão da lógica socioespacial fragmentária com base na experiência narrativa das práticas espaciais cotidianas de três mulheres residentes em espaços residenciais fechados de padrão construtivo de classe média e elite, na cidade de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil, com população de 225.668 mil habitantes (IBGE, 2022). Utilizamos o procedimento metodológico “entrevista semiestruturada”, com base em Góes et al. (2022) e a proposta de sistematização da pesquisa narrativa de Hervé Breton (2020, 2023), com abordagem fundamentada no ritmo da vida cotidiana de Lefebvre (1991, 2021). Com o objetivo de temporalizar o conteúdo das três narrativas e espacializar os deslocamentos para a realização das práticas espaciais cotidianas exercidas pelas respectivas cidadinas, identificamos elementos que possam evidenciar mudanças no ritmo da vida cotidiana, segundo o perfil e o recorte propostos.

O artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, abordamos a importância da vida cotidiana para o estudo do espaço urbano. Na subsequente, tratamos os procedimentos da pesquisa narrativa para a interpretação das entrevistas. Na terceira, fazemos a interpretação da experiência

narrada das três cidadinas, com foco nas práticas espaciais associadas à mobilidade, ao consumo, ao lazer e ao trabalho<sup>2</sup>. Na quarta seção, focamos a análise na compreensão da lógica socioespacial fragmentária (SPOSITO, 2019; SPOSITO; SPOSITO, 2020), tomando como referência a cidade de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil, a partir da sistematização dos processos inferenciais com a interpretação das respostas às perguntas semiestruturadas da entrevista, o que orientou o conteúdo da matriz estruturante da narrativa e a representação cartográfica dos trajetos das práticas espaciais. O artigo é finalizado pelas considerações finais nas quais buscamos sintetizar algumas ideias, mas também abrir o debate sobre o tema.

## **2. Os ritmos da vida cotidiana e a pesquisa narrativa**

Henri Lefebvre (1991) defende que o estudo da vida cotidiana, na escala do conjunto social, implica em concepções e apreciações que oferecem a possibilidade de caracterizar a sociedade e defini-la em suas transformações e perspectivas.

Como um fio condutor, o cotidiano apreendido a partir do movimento da sociedade, expressa processos produtivos pois “é na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis” (LEFEBVRE, 1991, p. 38).

Para o autor, o cotidiano é composto de repetições, as quais sejam lineares ou sejam cíclicas referem-se ao trivial. As ações, desse ponto de vista, são significativas para observarmos as mudanças e avaliarmos se elas ocorrem paulatinamente ou com rupturas no longo fio da História.

São ações que, ao mesmo tempo em que possibilitam compreender o conjunto das mudanças, oferecem resposta à produção material e aos tempos e espaços sociais, pois como propõe Lindón (2012):

Toda cotidianidade é desempenhada pelos sujeitos que habitam os lugares. O cotidiano constitui o discurso da vida dos sujeitos em que o social emerge, faz-se e reconfigura o social. A vida cotidiana também tem a particularidade de adquirir diferentes formas de acordo com as práticas espaciais que cada sujeito emprega em diferentes situações (LINDÓN, 2012 p.704)<sup>3</sup>.

Ao adotar a expressão cotidianidade, nossa leitura é de que a autora se refere aos elementos que revelam o conteúdo das ações nos planos

escalares geográficos e temporais, mais próximos e mais curtos, próprios da vida cotidiana. No caso do termo cotidianidade, o cotidiano (substantivo) é expressão das qualidades, uma vez que o acréscimo do sufixo “dade” refere-se aos atributos que o caracterizam.

O cotidiano, relativo à vida de cada ser humano, ao representar também o dos outros, quando o relacionamos ao acontecer histórico, é, simultaneamente, singular, particular e geral (HELLER, 2000).

Sob esse enfoque, dando proeminência à perspectiva espacial dos processos, dinâmicas e fenômenos sociais, o cotidiano pode ser visto por meio das práticas espaciais que alimentam um conjunto de informações e fatos que, armazenados na memória, concebem e refletem a experiência vivida. No cotidiano, as práticas sociais revelam-se como práticas espaciais, sempre que as escolhas realizadas pelos diferentes sujeitos e as ações que delas decorrem revelam o espaço como condição e expressão da vida social<sup>4</sup>.

Particulares no conjunto das escolhas e ações que perpassam a vida em sociedade, as práticas espaciais, enquanto revelação do cotidiano, são, segundo Sposito e Sposito (2017) e Sposito e Góes (2022), pensadas, mas podem ser inusitadas, orientadas pela razão, mas abertas às emoções, razão pela qual são, simultaneamente, objetivas e subjetivas. Mais que isso, para Lindón (2006a), é preciso considerar os contextos intersubjetivos que as ensejam, mostrando as intrínsecas relações entre a sociedade e o espaço.

Estes pontos, que expressam uma perspectiva sobre a cidade e a vida urbana, levam à discussão acerca dos fundamentos que orientam a pesquisa e os princípios metodológicos que a tornam possível. Optamos pela pesquisa narrativa por se tratar, segundo Clandinin e Connelly (2015, p.174)<sup>5</sup>, de um processo que ocorre em um espaço tridimensional cujas conjunturas e contextos envolvem dimensões temporais, dimensões sociais-pessoais e um lugar. Breton (2023)<sup>6</sup> define a pesquisa narrativa como:

[...] uma abordagem investigativa baseada em uma entrevista de pesquisa nas ciências humanas e sociais, cujo objetivo é acompanhar a exploração da experiência a partir de uma expressão, implicada e temporalizada, em primeira pessoa. Ela mobiliza os registros de linguagem do sujeito e os modos de composição da narrativa que se apresentam à pessoa durante a atividade narrativa, embora esses procedimentos possam ser modulados por meio da orientação realizada pelo pesquisador (BRETON, 2023, p. 28-29).

Segundo o autor, a interpretação da narrativa revela uma matriz, cuja análise do processo temporal, experiencial e inferencial expõe a forma como o sujeito vive e apreende os fenômenos que experimenta no decorrer da sua existência. Essa abordagem aproxima-se da proposta por Lefebvre (2021), da análise ritmada de temporalidades da vida cotidiana, cujo conhecimento supõe o uso de conceitos, mas também variáveis que possibilitem compor e numerar uma escala que, articulada com as transformações históricas, resultam em uma

[...] sobreposição de transformações de sistemas parciais (por exemplo: sistemas viários, sistemas de parentesco, ritos etc.), que acarretam sobrevivências e memórias que desempenham papéis em suas trajetórias, assim como ritmos históricos diversos (LEFEBVRE, 2021, p. 34).

Para Lefebvre, apesar de inseridos na escala do vivido, “não temos consciência da maior parte de nossos ritmos, senão quando começamos a sofrer uma perturbação” (LEFEBVRE, 2021, p. 161). Quando percebido, o ritmo está em relação aos objetos, ao entorno e às outras pessoas que compõem a unidade do ritmo, sendo necessário saber discerni-los e compará-los pois comporta uma repetição, um tempo diferenciado e uma duração qualificada.

A partir deste enfoque, o ritmo da vida cotidiana analisado em um recorte espaço-temporal possibilita apreender hábitos, comportamentos e costumes da sociedade em movimento, às vezes em intervalos de tempo longos, por vezes curtos, mas que configuram a narrativa do sujeito.

Clandinin e Connelly (2015, p. 77) defendem que, na pesquisa narrativa, uma pessoa não é vista como um exemplar de uma forma, de uma ideia, de uma teoria, ou uma categoria social, mas encarada como corporificação de histórias vividas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais, às quais acrescentamos a dimensão espacial, pela importância que tem na vida cotidiana e para valorizar a perspectiva geográfica da interpretação.

Com ênfase, esses autores salientam que, em uma pesquisa narrativa, o pesquisador também se confronta com sua própria história, inclusive gerando dúvidas, pois se trata de escrever “sobre pessoas, lugares e coisas em transformação” mais do que “estáticos”.

O texto da pesquisa narrativa é fundamentalmente um texto temporal – a respeito do que tem sido, o que é agora, e o que está se tornando. O escritor precisa enfrentar formas de escrever um texto que está “em um lugar”, não abstrato, mas situado. E o lugar também precisa ser visto como em transformação (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 193-194).

Breton (2020, 2023) define a epistemologia da narrativa como uma investigação com o objetivo de examinar processos inferenciais intrínsecos a partir da interpretação de pontos de vista que o sujeito expõe em palavras, com base na sua experiência vivida. Trata-se de narrativas inscritas na dimensão da vida cotidiana, estabelecidas no universo do trabalho, da família, do círculo de amigos, do ambiente de lazer, do ócio ou de outra prática cotidiana. Como uma ferramenta teórico-analítica, busca-se tornar a narrativa clara e evidente, fundamentada na articulação entre a experiência vivida [Vr], a experiência narrada [Vn] e a situação narrativa, conforme o quadro 1.

**Quadro 1**  
FUNDAMENTOS DA PESQUISA NARRATIVA

<b>EXPERIÊNCIA VIVIDA [Vr]</b>	A duração da narrativa estará associada à <b>experiência de referência</b> a partir da qual a atividade narrativa será desenvolvida, de modo singular, em primeira pessoa. A experiência de referência refere-se à história do sujeito, a partir de um tema, delimitado em uma escala no tempo (um determinado momento) e no espaço (um lugar preciso).
<b>EXPERIÊNCIA NARRADA [Vn]</b>	É o resultado de um trabalho que se concretiza na elaboração de uma narrativa escrita ou oral que, posteriormente, pode ser lida ou contada a outros. Compreende dois aspectos diferentes: a) o conteúdo experiencial da narrativa, que reside na expressão em palavras dos acontecimentos que foram selecionados pelo narrador, cada um dos quais com uma duração cuja acumulação produz a extensão da história; b) as inferências causais que mantêm os acontecimentos unidos, transformando a sequência cronológica dos acontecimentos selecionados pelo narrador em uma história configurada logicamente, podendo a narrativa, constituir um acontecimento em si mesmo no curso da vida do sujeito.
<b>SITUAÇÃO NARRATIVA</b>	É o procedimento de despertar da lembrança, expondo a distância temporal que separa o momento em que os fatos vividos são experienciados [Vr] do momento em que esses mesmos fatos são expressos em palavras e narrados [Vn].

Fonte: Breton (2020, p. 1145-1146). Organizado pelas autoras.

### A experiência narrada

[...] não é diretamente acessível ao sujeito que a viveu. Sua passagem à linguagem, sua expressão em palavras e sua integração em narrativas, no âmbito da pesquisa

narrativa, devem ser acompanhadas pelo pesquisador que, para isso, estrutura dispositivos, estabelece acordos para realizar as perguntas, regula os níveis de implicação e especifica os procedimentos de orientação que utiliza (BRETON, 2023, p. 13).

A construção do pensamento é estabelecida a partir de dois princípios e desenvolvida em três processos. O primeiro princípio possibilita a passagem da experiência vivida para a linguagem que transforma a experiência de referência em experiência narrada; o segundo princípio organiza a composição da narrativa a partir de fatos e dimensões experienciais elencados pelo sujeito sobre si, em relação ao mundo em que interage e que transforma. No conjunto, esses princípios orientam o primeiro processo, que capta a experiência; o segundo processo, que ajusta a granulação diacrônica da experiência; e o terceiro processo, que seleciona o vocabulário que possibilita a expressão da experiência (BRETON, 2020, p. 1145-1146).

Os procedimentos estruturam-se baseados em regimes narrativos temporalizados em dizibilidade e granularidade da experiência (BRETON, 2023, p. 48), levando-se em conta a forma como estão constituídos na memória.

A dizibilidade refere-se à memória passiva, fundamentada em uma experiência vivida, mas involuntariamente retida na memória. Por essa razão, é necessário que o narrador produza movimentos que possibilitem o acesso a esses conteúdos que, adormecidos na consciência, criam rupturas de temporalidades.

A granularidade refere-se à memória ativa, que mantém registros de temporalização das experiências e de configuração dos fatos vividos. De acordo com a experiência de referência, a situação narrativa pode ser reduzida ou estendida, respectivamente, com poucos detalhes ou com muitos detalhes acompanhados da descrição de processos de fusão cognitiva, sensitiva, psicológica, entre outros.

Breton (2020) destaca a importância da pesquisa narrativa focar no “como” e não no “por que” ou no “o quê”. Para tanto, deve-se adotar procedimentos descritivos regulados, analisáveis e reproduzíveis que valorizem o modo de ser, as modalidades de presença, a qualidade da experiência vivida e os processos de emergência presentes na narrativa.

A esse “protocolo” deve-se somar a contextualização temporal, com a linha cronológica da experiência, com o intuito de apreender a experiência

primária de quem narra. Ela pode se estabelecer em quatro escalas, dissociadas ou complementares: i) a escala da vida, que produz uma narrativa de continuidade desde o nascimento; ii) a escala do período, que corresponde à periodização dos fatos narrados; iii) a escala do momento, a qual abrange a experiência de referência que conduz tanto à granularidade da narrativa, como aos fatos e eventos de maior ou menor significado, e a dizibilidade, que resgata da memória passiva algum evento que na fluidez da narrativa se fez ausente; e iv) a escala do instante, que está relacionada aos processos inferenciais e às relações lógicas, presentes na experiência de referência narrada na escala do momento.

Para elaborar este artigo, utilizou-se as escalas do período, do momento e do instante, baseadas nas análises: i) dos processos de estabelecimento da sucessão de fatos, com a ordenação temporal da narrativa; ii) das inferências lógicas que configuram a narrativa e produzem uma continuidade experiencial; iii) do estudo das inferências, buscando relações causais; e iv) das estruturas narrativas, que envolvem o trabalho de tematização da narrativa. O foco recai na compreensão da estrutura urbana, a partir das práticas espaciais de consumo, lazer, trabalho e mobilidade para o perfil selecionado, padrão classe média e elite.

### **3. Procedimentos metodológicos**

A base empírica desse artigo é resultado de entrevistas realizadas na cidade de Presidente Prudente, São Paulo, que é uma das dez áreas urbanas situadas nas cinco grandes regiões brasileiras investigadas pelo projeto temático *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FragUrb)*<sup>7</sup>, fundamentado em quatro planos analíticos, cinco dimensões empíricas e seis frentes metodológicas.

Os planos analíticos são os recortes por meio dos quais buscamos compreender o processo da urbanização em curso, bem como as dinâmicas e fenômenos que compõem o seu conteúdo. Eles são: 1. Centro, centralidade, policentralidade e mobilidade, 2. Práticas espaciais e cotidiano, 3. Espaços públicos, 4. Produção e consumo da habitação. Nesse artigo, nossa ênfase recai sobre o plano analítico 2. Práticas espaciais e cotidiano.

As dimensões empíricas, vistas pela equipe como pontes capazes de estabelecer conexões entre os planos analíticos e o real, conduzindo o trabalho empírico, são: habitação, trabalho, consumo, mobilidade e lazer. Damos ênfase, no presente texto, às dimensões empíricas consumo, lazer e mobilidade.

As frentes metodológicas são: 1. Grupos focais, 2. Entrevistas, 3. Percursos urbanos, 4. Etnografia e análise de redes sociais, 5. Banco de dados e 6. Cartografia, detalhadamente descritas na coletânea “Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização”, de Góes e Melazzo (2022). Cada frente metodológica conduziu o trabalho empírico, com a etapa de coleta, organização e agrupamento de dados, informações, documentos, narrativas etc.; e posterior etapa de análise e interpretação. No que se refere às frentes metodológicas, a maior parte da análise contida neste artigo advém das entrevistas realizadas com cidadãos e cidadinas, tomando-se como referência os critérios elaborados para conduzir a pesquisa maior do projeto, estruturada com base:

- 1º) no perfil dos entrevistados, segundo gênero masculino e feminino e três faixas etárias (entre 18 e 30 anos, entre 30 e 65 anos e mais de 65 anos);
- 2º) nos padrões de moradia, agrupados em *habitats* populares e *habitats de classe média e elite*.

Os *habitats* populares subdividem-se em: i) grandes conjuntos habitacionais acima de 500 unidades habitacionais; ii) pequenos conjuntos habitacionais abaixo de 500 unidades habitacionais; iii) grandes condomínios verticais populares acima de 500 unidades habitacionais; iv) pequenos condomínios verticais ou horizontais populares abaixo de 500 unidades habitacionais. Os *habitats* de classe média e elite em: i) condomínios verticais de médio e alto padrão; ii) grandes espaços residenciais fechados de médio e alto padrão acima de 100 unidades habitacionais; iii) pequenos espaços residenciais fechados de médio e alto padrão abaixo de 100 unidades habitacionais; iv) bairros tradicionais abertos de médio e alto padrão.

Na cidade de Presidente Prudente, dentre as inúmeras entrevistas realizadas pela equipe do projeto temático FragUrb, selecionamos três, com base nos seguintes critérios: i) gênero feminino; ii) faixa etária diversificada; iii) o padrão de moradia, definido pelos *habitats* de classe média e

elite; iv) localização dos *habitats* em relação à estrutura espacial da cidade. Essas escolhas, como outras que poderiam ter sido feitas, representam um recorte que implica necessariamente em perdas; por outro lado, é por meio delas que podemos valorizar a opção de enfatizar a metodologia adotada para a análise das narrativas e apresentar ao leitor a oportunidade de avaliar o caminho percorrido por nós para alcançar alguns resultados.

Tomando como referência esses pressupostos, apresentamos no quadro 2 uma descrição do perfil das entrevistadas, cujos nomes foram substituídos por codinomes, a fim de preservar a confidencialidade e a privacidade delas. As idades, formações e ocupações são distintas, mas oferecem, em certa medida, uma visão mais ampla do conjunto de escolhas espaciais, a partir da localização do *habitat* de padrão classe média e elite, em relação à extensão territorial da cidade.

A escolha da colaboradora Sônia, deu-se por ela residir em condomínio vertical de alto padrão localizado a 100 metros do Parque do Povo, área verde linear, situada a sudoeste do centro principal, caracterizada por ampla oferta de serviços públicos e privados e por estabelecimentos comerciais.

Tânia reside em espaço residencial fechado de médio padrão abaixo de 100 unidades habitacionais, localizado a noroeste do centro principal, em área com expansão de hipermercados varejistas ou de atacarejo.

Por sua vez, a seleção de Raquel deu-se por ela residir em grande espaço residencial fechado de alto padrão acima de 100 unidades habitacionais, na direção sudoeste a partir do centro principal, em setor com grande presença de espaços residenciais fechados (ERFs) horizontais (terminologia proposta por Sposito e Góes (2013)), com menor oferta de comércio varejista e de serviços.

Conforme as escolhas feitas, embora a situação espacial das residências das três cidadinas selecionadas não seja coincidente, seus perfis socioeconômicos e as áreas em que habitam são bastante similares. Deste fato decorre que a análise que se procederá visa a demonstrar a diversidade de práticas espaciais a partir do estrato social selecionado, mesmo a cidade não sendo grande e complexa do ponto de vista de sua estrutura espacial.

Com os critérios de entrevistas de Góes et al. (2022) e o procedimento de análise da pesquisa narrativa de Breton (2020, 2023), apresentamos os resultados de nossa interpretação nas duas próximas seções deste artigo.

**Quadro 2****PERFIL DAS ENTREVISTADAS RESIDENTES EM HABITATS DE CLASSE MÉDIA E ELITE**

	<b>SÔNIA</b>	<b>TÂNIA</b>	<b>RAQUEL</b>
<b>IDADE</b>	33	63	22
<b>ESCOLARIDADE</b>	Superior Completo, Especialista	Superior Completo, Mestrado	2º período da graduação em Medicina
<b>FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO</b>	Publicitária, Estratégias de Comunicação	Educadora, Aposentada	Estudante
<b>RENDA FAMILIAR</b>	R\$ 20.000,00	R\$ 10.000,00	+ de R\$ 26.000,00
<b>PESSOAS NA RESIDÊNCIA</b>	2	1	3
<b>MODAL DE TRANSPORTE</b>	Carro Próprio	Carro Próprio	Carro Próprio
<b>MORADIA</b>	Alugada	Própria	Própria
<b>METRAGEM DO IMÓVEL</b>	150m <sup>2</sup>	87m <sup>2</sup>	+ 300m <sup>2</sup>
<b>UNIDADES HABITACIONAIS DO CONDOMÍNIO<sup>8</sup></b>	60 apartamentos	50 residências	232 residências
<b>INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS DO CONDOMÍNIO</b>	Portaria 24 horas, três salões de festa, playground, piscina, sauna, academia, churrasqueira e quadra de futebol	Portaria 24 horas, salão de festa, playground e área arborizada	Portaria 24 horas, salão de festas, piscina e quadras esportivas
<b>DISTÂNCIA DA MORADIA EM RELAÇÃO AO CENTRO</b>	1700 m	3700 m	4200 m
<b>TEMPO DO DESLOCAMENTO POR CARRO</b>	7 minutos	11 minutos	12 minutos

Fonte: Entrevistas realizadas, respectivamente em 09/dez/2022, 13/fev/2023 e 16/fev/2023. Organizado pelas autoras.

#### **4. O conteúdo da experiência narrada**

**Sônia**<sup>9</sup> agendou a entrevista para o final do expediente de trabalho. A pesquisadora chegou ao edifício em meio a um temporal e pelo interfone solicitou autorização de acesso. O porteiro, ciente de sua chegada, abriu a porta

automática. Após subir uma longa rampa de acesso à cabine da portaria, ela recebeu orientação sobre a localização de acesso ao elevador: Sônia abriu a porta com um sorriso, embora o olhar demonstrasse cansaço. Após um bate-papo introdutório a entrevista foi iniciada. A seguir, o relatório elaborado pela pesquisadora, após a realização da entrevista, entremeado por alguns trechos da própria entrevista em itálico, oferecem elementos para se compreender o perfil da entrevistada e conhecer observações que podem auxiliar na análise:

**Sônia**, no mês de março de 2020, dias antes de decretada a pandemia da covid 19, havia pedido demissão na empresa em que trabalhava. Tal mudança associada aos impactos gerados pela pandemia levou ela e o marido a se mudarem para um apartamento maior em um bairro mais distante em São Paulo, onde residia. Em abril de 2021, foi contratada em uma nova empresa, para trabalhar no modelo *home office* e, no mês de setembro, cogitou com o marido o desejo de retornar a Presidente Prudente, onde a família reside, com objetivo de morar em uma casa gramada, com mais espaço para o casal e a cadela. Mudaram-se em abril de 2022, incluindo, na rotina, viagens programadas à sede da empresa onde ela trabalha, sediada no Rio de Janeiro, e na que o marido trabalha em São Paulo.

*“É uma oportunidade que nunca achei que eu fosse ter na vida. Eu estar trabalhando em uma agência, dentro de um cenário econômico pagando um salário do Rio e de São Paulo, e morando em Prudente”.*

A ideia da casa gramada, em bairro tranquilo, conforme idealizou o casal, foi descartada devido à falta de segurança e, por outro lado, as localizadas em condomínios fechados eram distantes e em áreas com pouca oferta de comércio e serviços. Essas justificativas levaram o casal a optar pela locação em um edifício residencial que fica a 100 metros do Parque do Povo, maior área verde da cidade com seis quilômetros de extensão. O residencial oferece espaços de lazer, pouco frequentados pelo casal, e suas interações com outros moradores resumem-se a contatos cordiais nas áreas comuns, como elevadores e hall de entrada. Para as práticas de consumo, Sônia opta por se deslocar de carro ao Parque Shopping (primeiro shopping da cidade), onde encontra comodidade para as compras.

*“Eu fazia muita coisa a pé, em São Paulo. E aqui até por não ter trânsito as pessoas fazem muita coisa de carro”.*

Eventualmente, frequenta o Prudenshopping (segundo maior shopping da cidade) e, pela internet, realiza parte dos serviços bancários e compra de itens de vestuário, livros ou acessórios que não encontra em loja física. Destaca a relevância dos dois shopping centers fecharem as 22h00, dado o expediente de trabalho finalizar as 19h00. Frustrada com a oferta de lazer na cidade e na região, as atividades que realiza se resumem a visitas aos amigos, idas a restaurantes e, eventualmente, viagens de lazer.

Sobre o uso público do Parque do Povo, expressa:

*“Eu gosto de ver o parque ocupado [...]. Quando eu saí daqui de Prudente, as pessoas não tinham o hábito de fazer piquenique e hoje elas fazem [...]. Eu lembro que quando cheguei e vi isso no Ibirapuera eu achava muito diferente [...]”.*

Em relação ao centro principal da cidade, a narrativa está associada à memória afetiva:

*"Eu gosto de andar no centro, ali no calçadão [...] o centro é um dos poucos lugares da minha infância que permanece ali [...] embora ele esteja todo diferente [...] é uma coisa meio nostálgica".*

Na infância, a avó residia em um edifício localizado ao lado do Calçadão e, atualmente, reside no Residencial Damha, localizado em área de grande extensão, com predominância de espaços residenciais fechados horizontais, onde Sônia comentou estar previsto o lançamento do primeiro edifício do setor, propagado em um anúncio de *outdoor*, como área nobre da cidade. E questiona:

*"Mas o que define que ali é nobre?"*

Para Sônia, as pessoas residentes em Presidente Prudente não têm percepção de limites de bairro, sendo a referência de localização a indicação de um prédio ou um condomínio. Sobre sua percepção acerca da cidade, critica o aumento e a padronização dos condomínios fechados, lamenta o fim das bancas de revistas em áreas centrais, e comenta:

*"Hoje só tem duas bancas de revistas [...] que perderam espaço para um vasto banco de informações e entretenimento que as pessoas têm na palma da mão".*

Ao final da entrevista, Sônia comentou o interesse de retornar para São Paulo, devido à sensação de desagrado em relação ao nível de influência da elite prudentina sobre o ordenamento e o modo de vida do cidadão.

**Tânia**<sup>10</sup> recebeu a pesquisadora numa manhã de feriado, com partida decisiva do Brasil na Copa do Mundo. Na portaria, após a autorização de acesso e a orientação do caminho, ela se dirigiu à residência, onde a colaboradora a aguardava na garagem, e lhe solicitou estacionar de modo a deixar espaço para a passagem de outro carro, na rua estreita do condomínio. Com um abraço, recepcionou a pesquisadora, convidou-a a entrar, e deu-lhe a opção de sentar-se no sofá de dois lugares ou à mesa com quatro cadeiras. Feita a opção pela mesa, foi servida uma jarra de chá mate e biscoitos em formato natalino comprados na véspera, na primeira Feira de Mulheres Empreendedoras que, com a irmã, organizou. Alguns trechos do relatório que foi elaborado sobre a entrevista merecem destaque:

**Tânia**, 63 anos, é viúva e se aposentou no ano de 2015. Como Mestre em Educação, atuou na capital e em cidades do interior do estado de São Paulo. Em janeiro de 2020, optou por retornar a Presidente Prudente para ficar mais próxima da família. Inicialmente, alugou um apartamento mobiliado de um quarto no Centro da cidade onde investia o valor de R\$ 1.700,00 de aluguel e condomínio. Decretada a pandemia, optou pela mudança definitiva, com a decisão de compra de um imóvel, para onde se mudou em julho de 2021. Apesar de reconhecer que a vida toda abominou o padrão de moradia em condomínio fechado, por considerar que *"se convive numa bolha"*, viu-se adquirindo um imóvel em *habitat* deste tipo devido à segurança. A pesquisa para a compra do imóvel deu-se a partir das opções de bairros e do valor do investimento. Ela destacou:

*“É puro preconceito, mas um bairro que não moraria é a Vila Marcondes<sup>11</sup>. Parece que ele não evoluiu.”*

Segundo ela, a aquisição do imóvel foi um achado devido ao preço, à localização e à ampla oferta de serviços e comércio que há no raio de 400 metros. No condomínio as relações afetivas se resumem ao contato com três moradoras. Para as práticas de lazer, frequenta o Parque Ecológico Nelson Bugalho, distante 650 metros do condomínio, e critica:

*“É um desperdício! Da mesma forma que existe o Parque do Povo que tem infraestrutura, esse aqui está renegado.”*

O lazer se resume aos encontros para confraternização com amigos e familiares e viagens de lazer. Dada a estabilidade da pandemia promovida pela vacina, planeja retomar os passeios com a mãe, de 88 anos, ao Parque Shopping e tomar regular o bazar com mulheres empreendedoras que, no ano de 2022, organizou com a irmã. Com a inauguração, na zona norte, do Max Atacadista Jardim Guanabara e do Supermercado Avenida, passou a consumir nesses estabelecimentos, devido à facilidade de acesso, a partir de seu local de moradia. Itens de vestuário, consome no comércio de um bairro popular chamado COHAB<sup>12</sup>. A entrevistada consome medicamentos na farmácia localizada ao lado do edifício em que a mãe reside no Centro da cidade. Não se considera consumista, mas admite a compra de produtos de pequeno valor pela internet.

*“Todo dia o Mercado Livre está aqui na porta.”*

Em relação à sua percepção sobre a cidade, comenta:

*“Me chocam os condomínios fechados, classe A. Não me assusta conjunto habitacional. Eu acho positivo. Me assusta essa coisa do fechamento, dos condomínios fechados.”*

Afirma que o modo de vida em espaços residenciais fechados é uma tendência relacionada à segurança, mas que essa configuração residencial propicia pouca empatia em relação ao convívio coletivo:

*“Acho que as pessoas estão fechando o olho para o que está acontecendo”.*

Em contraponto, faz referência ao equipamento público Centro Cultural Histórico Matarazzo, e comenta:

*“Você encontra adolescente, adulto, tem um grupo de hip hop, tem um de teatro, e ali está bem mesclado[...] você encontra gente da periferia com gente que vem de dentro [...] mais acima (os condomínios)”*

**Raquel<sup>13</sup>** prontamente aceitou conceder a entrevista em sua casa. Na portaria do residencial, na entrada de pedestres, via interfone com câmera, o pesquisador identificou-se e informou que iria encontrar Raquel, fornecendo o número da casa. Após autorização, o porteiro liberou a entrada dele que caminhou por cerca de 5 minutos até a casa, localizada a algumas quadras. O relatório feito pelo pesquisador também oferece elementos para se apreender o perfil da entrevistada:

**Raquel** tem 22 anos, cursa o 2º ano no curso de Medicina na instituição privada Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Quando iniciou a pandemia, morava

com a irmã em São Paulo e fazia faculdade de Psicologia na instituição privada Mackenzie. Algumas vezes, durante o ano de 2020, chegou a viajar para Presidente Prudente o que para ela significava:

*"...sair do apartamento e ficar numa casa".*

No ano de 2021, optou por retornar em definitivo para o convívio com os pais, na residência definida:

*"...como o lugar que mais gosta na cidade".*

Essa afirmação associa-se ao desconforto que foi morar em um apartamento em São Paulo onde, durante a pandemia, confinada, adoeceu. A casa, em um residencial com 232 moradias, tem 13 cômodos, piscina, jardim e área gourmet. Sobre os espaços de uso comum do residencial fez referência apenas ao parquinho infantil, lembrado com certa nostalgia.

Raquel nasceu neste condomínio, mas, atualmente, mantém relação afetiva apenas com uma amiga da época da adolescência, que estudava no mesmo colégio. Estabelecimento que está na rota do trajeto de Raquel para a Universidade, e, devido ao embarque e desembarque de alunos, geralmente está congestionado. O que provoca reação de indignação em Raquel:

*"É uma loucura. Cada um faz a sua própria regra no trânsito".*

No residencial, devido à pouca oferta de estabelecimentos comerciais nas imediações há, com frequência, eventos com a instalação de *food trucks* em áreas comuns, com a oferta de alimentos e produtos para os residentes. Para as compras do mês, a família de Raquel opta por consumir no Assai Atacadista e, pela internet, compra itens que não encontra no comércio local.

Seu lazer compreende o convívio familiar com sessões de filmes em canais fechados de televisão, o uso das redes sociais, a frequência esporádica à uma pizzaria com os amigos, ou a visita a casas de amigas, também residentes em condomínios fechados em local que Raquel não sabe definir pelo nome, mas, faz referência à localização da seguinte maneira:

*"Eu não sei o nome, mas, eu sei que lá, parece que tem um monte (de condomínios)".*

No caso, Raquel refere-se a uma área limítrofe entre os municípios de Presidente Prudente e Álvares Machado, com expressiva expansão de espaços residenciais fechados horizontais. E atribui essa tendência a um estilo de vida, pautado na cultura da cidade, pois segundo ela:

*"Presidente Prudente, sei lá, é muito cultura, interior, fazenda, agronegócio. Esse estilo de vida que não é muito legal na minha opinião".*

Raquel afirma ter certa dificuldade de orientação geográfica:

*"Eu sei pedaços da cidade e às vezes eu sei conectar um pedaço com outro por uma avenida[.] o Centro para mim é o Calçadão".*

A partir dessa referência espacial, expressa sua compreensão sobre o espaço urbano:

*"Eu tenho essa impressão sempre que Prudente é muito igual, continua sempre a mesma coisa, não tem muita mudança, mas parece maior, parece que sempre tem mais prédios aparecendo, mais condomínios. Muito igual, só que maior, mais gente. Essa é a impressão que eu tenho de Prudente".*

Com base nos períodos e fatos narrados, com o recorte temporal da experiência das entrevistadas, organizamos o quadro 3.

Nesse estudo, a temporalização das experiências narradas permitiu identificar, em comum entre as entrevistadas, as mudanças efetivas de São Paulo para Presidente Prudente, entre os anos de 2020 a 2022, em parte sob influência da pandemia de covid 19. A partir desses destaques, o conteúdo subsequente contém uma síntese tematizada com base nas práticas espaciais cotidianas, que expressam o ritmo da vida para o perfil selecionado e a escala espaço-temporal definida.

**Quadro 3**  
TEMPORALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NARRADA. 2015-2023

CITADINA	ANO	MÊS	FATO OU EVENTO NARRADO
Sônia	2020	mar	Pedido de demissão na empresa em que trabalhava
		dez	Mudança para um bairro mais distante, em um apartamento maior
	2021	abr	Contratação em nova empresa com contrato fixo
		set	Avaliação, com o marido, de mudança para Presidente Prudente
	2022	abr	Mudança para Presidente Prudente
	2023	fev	Avaliação, com o marido, de volta para São Paulo
Tânia	Antes de 2015	s/r	Atuação na área da educação em São Paulo, São Carlos, Tatuí, Presidente Prudente, Mirante do Paranapanema, Santo Anastácio e Centro oeste de São Paulo
	2015	s/r	Aposentadoria
	2015 a 2017	s/r	Contribuição com a Rede Parceiros da Educação
	2020	jan	Mudança para Presidente Prudente, morando de aluguel
	2021	jul	Devido à pandemia, opção de se manter em Presidente Prudente, financiando a casa própria
	2022	dez	Com a irmã, realização de um bazar com mulheres empreendedoras
Raquel	2020	s/r	Moradia com a irmã em São Paulo e ingresso no curso de Psicologia na Universidade Mackenzie
			Visitas à família em Presidente Prudente
	2021	s/r	Retorno para Presidente Prudente com quadro depressivo
2022	s/r	Ingresso no curso de Medicina na Unoeste	

Fonte Entrevistas realizadas, respectivamente em 09/dez/2022, 13/fev/2023 e 16/fev/2023.  
s/r = sem referência de mês. Organizado pelas autoras.

## **5. Os processos inferenciais e a matriz estruturante da narrativa**

A realização do tratamento analítico das narrativas das três cidadinas entrevistadas foi acompanhada de cuidados metodológicos importantes, sobretudo quando buscamos ir além da extração de informações contidas nas entrevistas para alcançar a leitura delas a partir da interpretação de seus discursos, valorizando a concepção de Breton:

Estabelecer (ou restaurar) o estatuto de experiência dentro de uma epistemologia pressupõe, contudo, descobrir os processos pelos quais a experiência passa à linguagem, configurando-se em narrativa, para em seguida examinar as leis de composição das narrativas e estudar o que elas revelam sobre os processos de formação e constituição dos “pontos de vista” do sujeito sobre a sua experiência e sua existência (BRETON, 2020, p. 1142).

Para Clandinin e Connely (2015), nessa etapa deve ser considerada a relação tridimensional estabelecida pelo encontro entre o entrevistado e o pesquisador que, no processo, tornam-se parte de uma construção narrativa partilhada e reconstruída através da investigação.

Tais preocupações, que são epistemológicas, porque relativas à articulação entre abstração e empiria, tiveram grande importância no momento de estruturação do roteiro para realização das entrevistas com cidadinos, o que já foi objeto de reflexão em Góes et al. (2022) e foram retomadas para balizar a etapa que é objeto deste texto, relativa à sistematização de narrativas.

Esta síntese não é desinteressada, tampouco neutra ou aleatória, porque resulta de escolhas das autoras, no âmbito de um coletivo de pesquisa, ou seja, no conjunto das possibilidades ensejadas pelos procedimentos metodológicos de registro das narrativas. Os elementos apresentados no quadro 4 foram analisados a partir das respostas individuais às perguntas abertas da entrevista semiestruturada pertinentes aos temas habitação, trabalho, consumo, lazer e mobilidade, com as três entrevistadas residentes em condomínios padrão classe média e elite, na cidade de Presidente Prudente, São Paulo.

**Quadro 4**

SÍNTESE DOS PROCESSOS INFERENCIAIS POR RELAÇÃO LÓGICA DA EXPERIÊNCIA DE REFERÊNCIA. PRESIDENTE PRUDENTE, SÃO PAULO, BRASIL, 2022-2023<sup>14</sup>

<b>TEMAS</b>	<b>ELEMENTOS PRESENTES NA NARRATIVA DAS ENTREVISTADAS</b>
<b>HABITAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Externam a opção pelo condomínio fechado por questão de segurança.</li><li>• Fazem pouco uso dos espaços comuns dos residenciais.</li><li>• Estabelecem poucas relações de convivência nos espaços comuns do condomínio.</li><li>• Raquel menciona tendência de eventos com <i>food trucks</i> entre outros comércios no espaço comum do condomínio.</li></ul>
<b>TRABALHO</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Sônia trabalha em modelo <i>home office</i> em uma empresa sediada no Rio de Janeiro. A remuneração de acordo com o mercado do Rio de Janeiro garante, em Presidente Prudente, um padrão de vida melhor do que se morasse na cidade onde se localiza a sede da empresa ou em São Paulo, onde o marido trabalha. Vislumbrava empreender na cidade, mas se desanimou devido à cultura elitista da cidade.</li><li>• Tânia, antes de se aposentar na área de ensino, atuou em Presidente Prudente e região. Com a irmã, promove ações coletivas com foco no empreendedorismo feminino. Manifestou o desejo de atuar em ações voltadas à educação ambiental.</li><li>• Raquel investe período integral no curso de medicina e, após formada, não pretende atuar em Presidente Prudente, pois considera que a cultura elitista não promove o desenvolvimento local.</li></ul>
<b>CONSUMO</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Realizam com frequência compras pela internet.</li><li>• Deslocam-se de carro para as práticas de consumo.</li><li>• Tânia consome nos estabelecimentos comerciais varejistas e nos de serviços situados no entorno do condomínio.</li><li>• Sônia não consome na área de entorno do condomínio.</li><li>• Raquel não tem oferta de varejo e serviços no entorno do condomínio.</li><li>• Raquel e Sônia consomem no Prudenshopping.</li><li>• Tânia explora os subcentros da cidade.</li><li>• Raquel e Tânia consomem, apenas, itens específicos no centro principal da cidade.</li></ul>
<b>MOBILIDADE</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O raio de mobilidade de Tânia é de 3400 metros.</li><li>• O raio de mobilidade de Raquel é de 3100 metros.</li><li>• O raio de mobilidade de Sônia é de 2400 metros.</li><li>• Tânia realiza o deslocamento a pé para o consumo no comércio local.</li><li>• Tânia e Raquel têm alternativas facilitadas de trajeto por vias perimetrais.</li></ul>

**Quadro 4 - CONTINUAÇÃO**

TEMAS	ELEMENTOS PRESENTES NA NARRATIVA DAS ENTREVISTADAS
<b>LAZER</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pouco utilizam os equipamentos de lazer e esportes, disponíveis nos residenciais.</li> <li>• Não identificam os espaços dos shopping centers como espaços de lazer.</li> <li>• Definem como lazer os encontros com amigos ou familiares, em casa ou em restaurantes, e as sessões de cinema em casa com filmes em canais fechados de TV.</li> <li>• Tânia e Sônia fazem referência ao uso das áreas verdes dos parques urbanos como espaços para o lazer.</li> <li>• Sônia esperava maior oferta de atrativos naturais com infraestrutura disponíveis na cidade e região e considera o Calçadão um espaço de relevância cultural.</li> <li>• Tânia identifica o Centro Histórico Cultural Matarazzo como um espaço público de lazer que favorece a sociabilidade, independentemente do padrão socioeconômico.</li> <li>• Raquel pouco se socializa fora do ambiente familiar e considera o uso das redes sociais como opção de lazer.</li> </ul>

Fonte: Entrevistas realizadas, respectivamente, em 09/dez/2022, 13/fev/2023 e 16/fev/2023. Organizado pelas autoras.

Com o conjunto de elementos destacados no quadro 4, definimos variáveis que qualificam o ritmo da vida cotidiana para o perfil selecionado, conforme síntese apresentada na matriz 1.

**Matriz 1**

VARIÁVEIS DO RITMO DA VIDA COTIDIANA PARA O PERFIL: MULHERES RESIDENTES EM HABITATS CLASSE MÉDIA E ELITE. PRESIDENTE PRUDENTE, SÃO PAULO, BRASIL, 2022-2023

TEMAS	VARIÁVEIS
<b>HABITAÇÃO</b>	Busca por segurança. Indiferença às relações de convivência em espaços de uso comum. Pouco uso dos espaços de lazer e esportes disponíveis.
<b>TRABALHO</b>	Manutenção do modelo <i>home office</i> , pós-pandemia da covid 19. Desejo de empreender.
<b>CONSUMO</b>	Aumento no volume de compras pela internet. Consumo em espaços com comodidade. Consumo de gêneros alimentícios em hipermercados atacarejos. Consumo no Centro da cidade de itens específicos.
<b>MOBILIDADE</b>	Uso frequente do carro para os deslocamentos. Opção de uso das vias perimetrais, mais rápidas. Maior fluxo de veículos em áreas de circulação e opções de acesso localizadas entre o Centro da cidade e o Prudenshopping.
<b>LAZER</b>	Convívio com amigos e familiares. Sessões de cinema em casa.

Fonte: Entrevistas realizadas, respectivamente em 09/dez/2022, 13/fev/2023 e 16/fev/2023. Organizado pelas autoras.

Essa matriz revela, de um lado, um conjunto de semelhanças que marcam o cotidiano dessas mulheres, mostrando que tanto a produção do espaço como a da vida social tendem a certa homogeneização das ações, das escolhas e, portanto, das práticas espaciais. Por outro lado, nos interstícios de suas narrativas e das justificativas que elaboram para suas escolhas também é possível reconhecer a rememoração da vida urbana e as diferenças como bases para opções que se mostram diversas, mesmo quando analisamos mulheres de mesma condição socioeconômica e situação espacial semelhante em uma cidade média.

A ideia de segurança é um dos fatores que indicam tendência de fragmentação socioespacial. Sposito e Góes (2013, p. 161 e seguintes) mostraram, ao estudar cidades médias e entre elas Presidente Prudente, que vários de seus entrevistados alegaram a busca de segurança numa cidade violenta, como justificativa principal de terem escolhido ERFs, ainda que, em suas vidas, não tenha sido frequente a ocorrência de situações que pudessem justificar essa opção (roubos, assaltos etc.). Esse descompasso entre os fatos vividos e a narrativa que se elabora sobre eles levou as autoras a trabalharem com o par 'representação da violência e violência da representação'. As estratégias de separação socioespacial, numa sociedade marcada historicamente pela desigualdade, são expressas de modo consciente ou não por narrativas que generalizam a associação entre cidade e perigo, o que pudemos observar na análise das entrevistas que são base deste texto.

As estratégias de separação social orientam, cada vez mais, as escolhas espaciais relativas ao consumo, mesmo numa cidade como Presidente Prudente, cuja extensão possibilitaria a qualquer um a frequência ao Centro principal, onde o comércio e os serviços continuam a ser oferecidos com relativa diversidade, tanto assim que Tânia e Raquel seguem frequentando esta área e os subcentros, em busca de itens mais específicos, mostrando que todas as tendências revelam-se, no movimento da vida cotidiana, plenas de diferenças e, muitas vezes, de contradições entre a narrativa e as práticas ou entre a escolha do tipo de *habitat* e a dos espaços para consumo.

A opção pelo transporte automotivo individual é crescente e reitera a posição central dessa máquina no mundo atual e no processo de estruturação espacial das cidades, orientando o uso do espaço e do tempo cotidianos.

Dupuy (1995), ao tratar dos territórios do automóvel, já chamava há mais de 20 anos atenção para essa mudança importante na vida urbana.

A insuficiência, seja pela oferta, seja pela qualidade, de um transporte coletivo eficaz e confortável, que garanta mobilidade e acessibilidade, é uma marca das cidades médias brasileiras e segue sendo ainda um desafio nas maiores. No entanto, há outros ingredientes que orientam as escolhas dos modais de transporte, numa sociedade em que a separação socioespacial vem atingindo todas as esferas da vida cotidiana. Assim, além do aspecto prático (autonomia na escolha de trajetos e horários e agilidade nos deslocamentos) há outros elementos que explicam as escolhas feitas:

O automóvel é uma mercadoria que contém em si tanto a apropriação do objeto (sua funcionalidade) quanto seu uso ostentatório, espetacular (suas outras significações). Para podermos analisar o automóvel, com suas determinações relacionadas ao momento histórico atual, é necessário desvendar essa mercadoria em seus matizes e compreender sua relação com o urbano (que é o pano tecido pela modernização) (SCHOR, 1999, p. 109).

A metáfora conceitual de Lindón (2006b) – casa *búnker* – é adequada para a interpretação da tendência crescente de lazer em casa, como as entrevistadas fizeram referência, ao aludir sessões de cinema e o encontro com familiares ou amigos em suas residências. Embora residam em espaços residenciais fechados (horizontais e verticais) que oferecem equipamentos de lazer e esportes, pouco os utilizam. Analisando o processo de quase opção por uma clausura residencial, o que sem dúvida os tempos de pandemia levaram à acentuação, é necessário avaliar em que medida esse valor se incorpora no cotidiano de vários grupos sociais. Interpretando essa tendência na cidade do México, Lindón (2006b, p. 31) frisa:

...a construção social da casa *búnker* marca um horizonte que às vezes é esboçado e estabelecido, às vezes distante, embora factível. Certamente não é o único horizonte para a casa, a cidade e a vida urbana. Também gostaríamos de enfatizar que, as classes médias urbanas desempenharam um papel muito importante nesse fenômeno por meio de sua abertura a esses estilos de vida suburbanos. Com a peculiaridade de que essa abertura da classe média foi aproveitada por incorporadores e promotores imobiliários e repetidamente oferecida como um “produto” também para outros grupos sociais. Assim, o que era originalmente característico das classes médias urbanas, cada vez parece ter se enraizado em mais grupos da estrutura social<sup>15</sup>.

No entanto, tanto Tânia como Sônia fizeram referência ao uso de áreas verdes na cidade, identificando-as como espaços de lazer, do mesmo modo que Tânia citou o Centro Histórico Cultural Matarazzo como um espaço público para todos os padrões socioeconômicos. Essas contraposições à tendência geral de separação levantam o debate sobre o papel do poder público na oferta de equipamentos e serviços associados ao lazer (esportivo, cultural, de entretenimento) como caminho possível para retomada de uma sociabilidade mais ampla em contraposição ao processo de fragmentação socioespacial.

**Quadro 5**

TRAJETOS GEORREFERENCIADOS – DISTÂNCIA (METROS – M) E TEMPO (MINUTOS – MIN.) DE DESLOCAMENTO ENTRE A MORADIA E OS LOCAIS DAS ESCOLHAS ESPACIAIS

DIMENSÕES EMPÍRICAS	ESCOLHAS ESPACIAIS	SÔNIA	TÂNIA	RAQUEL
<b>CONSUMO</b>	Max Atacadista, Jardim Guanabara		2800 m - 7 min.	
	Supermercado Avenida, Jardim Guanabara		2600 m - 8 min.	
	Supermercado Avenida, Jardim Paulistano	240 m - 4 min.		
	Super Muffato, Parque Shopping	900 m - 14 min.		
	Prudenshopping	2600 m - 8 min.		2500 m - 7 min.
	Açougue		400 m - 5 min.	
	Banca de verduras		600 m - 9 min.	
	Supermercado Estrela		1100 m - 3 min.	
	Panificadora Montini		1300 m - 4 min.	
	Chaveiro		1500 m - 5 min.	
	Drogaria Nissei, Rua Rio Branco, Centro		4300 m - 11 min.	
	Érica Store Moda Plus Size		4900 m - 12 min.	
	Hipermercado Carrefour			2600 m - 8 min.
	Assaí Atacadista			2600 m - 6 min.
	Casa Tricot II, Centro			3900 m - 10 min.
Perfumaria Sumirê, Centro			4200 m - 12 min.	
Serviços Especializados, Centro			4200 m - 12 min.	

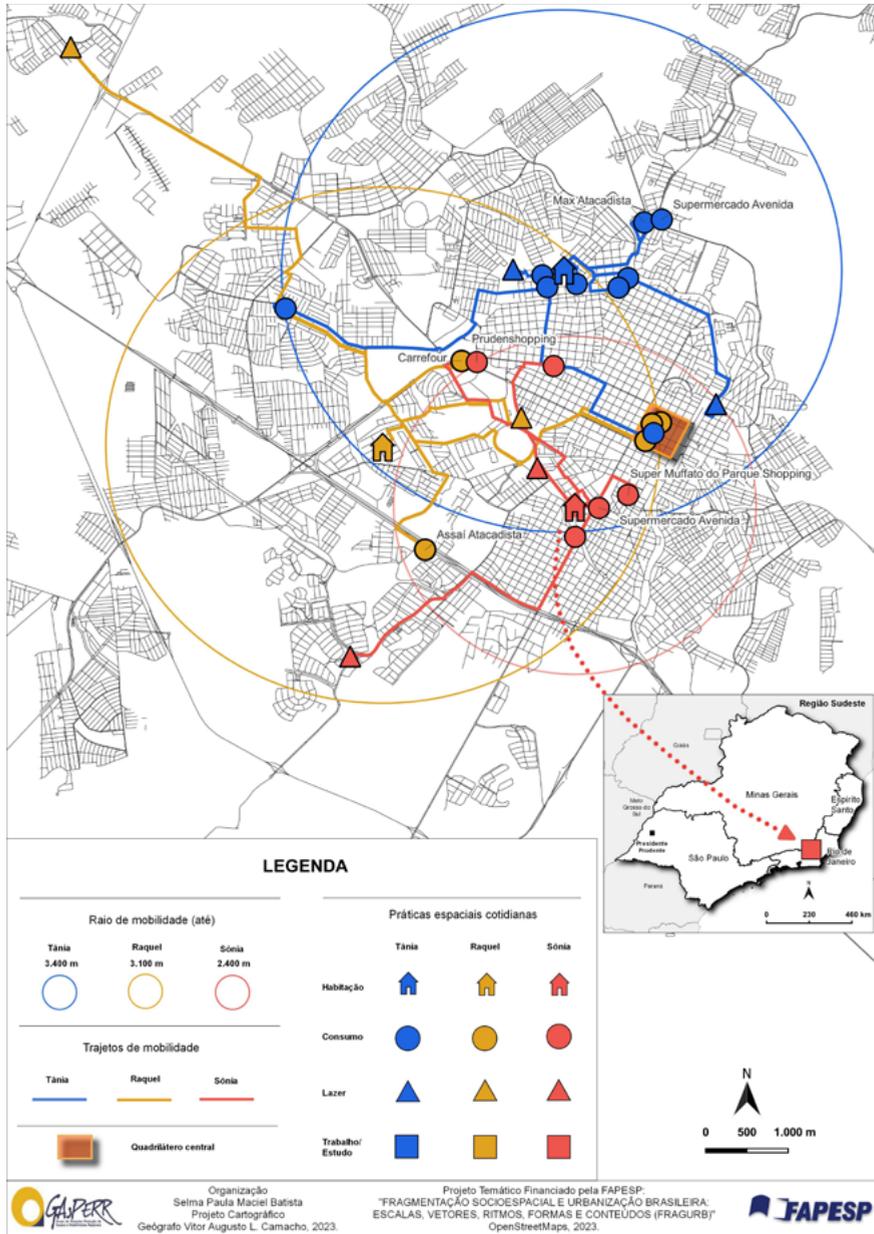
**Quadro 5 - CONTINUAÇÃO**

<b>DIMENSÕES EMPÍRICAS</b>	<b>ESCOLHAS ESPACIAIS</b>	<b>SÔNIA</b>	<b>TÂNIA</b>	<b>RAQUEL</b>
<b>LAZER</b>	Centro Histórico Cultural Matarazzo		3900 m - 9 min.	
	Parque Ecológico Nelson Bugalho		650 m - 8 min.	
	Fagulha Pizzaria			2100 m - 4 min.
	Residencial Portinari			9800 m - 12 min.
	Parque do Povo	100 m - 1 min.		
	Dahma II	5200 m - 12 min.		
<b>TRABALHO</b>	Unoeste Bloco B Campus I			2300 m - 6 min.
	Empresa de Propaganda e Publicidade	993 Km 11 hs 35min.		

Fonte: Entrevistas realizadas, respectivamente em 09/dez/2022, 13/fev/2023 e 16/fev/2023. Organizado pelas autoras.

Para quantificar e oferecer uma representação espacial das práticas cotidianas das três entrevistadas, com os recursos do *Google Earth Pro*, foram georreferenciados os estabelecimentos de consumo, lazer e trabalho e, tomando como referência o local da habitação, editamos os trajetos percorridos com a extensão e o tempo do deslocamento, conforme o quadro 5. Em seguida, tomando como referência a distância entre o local de habitação e o ponto de consumo mais distante, delimitamos um raio de mobilidade, com o objetivo de identificarmos áreas com percursos de uso comum conforme a figura 1.

**Figura 1**  
**TRAJETOS COTIDIANOS E RAIOS DE MOBILIDADE DAS ENTREVISTADAS, PRESIDENTE PRUDENTE, SÃO PAULO, BRASIL, 2022-2023**



O conjunto de informações, extraídas das três experiências narradas, possibilitou concluir que:

1. Sônia desloca-se menos pois reside em área com diversificada oferta de serviços e comércio. Seu menor trajeto é de 240 metros, percorrido em 4 minutos, e o maior de 2600 metros, que ela realiza em 8 minutos. Para o percurso de 900 metros entre a residência e o estabelecimento de consumo de gêneros alimentícios de sua preferência investe 14 minutos.
2. Tânia, nas imediações de sua moradia, conta com diversificada oferta de serviços e estabelecimentos comerciais. O menor trajeto de 400 metros realiza em 5 minutos e o maior de 4900 metros realiza em 12 minutos. O deslocamento para acesso ao estabelecimento de consumo de gêneros alimentícios de sua preferência, distante 2800 metros, realiza em 7 minutos. Deslocamento que, comparado ao de Sônia, corresponde a um trajeto duas vezes maior, percorrido em metade do tempo, devido ao fato de Sônia, por residir em área com maior concentração de comércio e serviços médicos e hospitalares, concorre com um maior fluxo de veículos e conseqüente demanda de paradas em semáforos.
3. Raquel, que reside em área com menor oferta de comércio de varejo e serviços para as práticas de consumo, realiza o menor trajeto de 2500 metros em 7 minutos e o maior de 4200 metros em 12 minutos. O deslocamento para acesso ao estabelecimento de consumo de gêneros alimentícios de sua preferência, distante 2600 metros, realiza em 6 minutos. Raquel, devido ao acesso por vias perimetrais, percorre extensão e tempo similares aos de Tânia para acessar o estabelecimento de preferência para o consumo de gêneros alimentos.

O raio de mobilidade, medido a partir do local da moradia ao ponto de consumo mais distante tem sua relevância para identificar área comum de convergência dos trajetos. No caso, o Centro da cidade foi comum às três entrevistadas. Raquel com maior frequência, para compra de itens específicos, Tânia para a compra de medicamentos e visitas à mãe, e Sônia como atividade de lazer ligada à memória afetiva de infância. A convergência na área entre o Centro principal e o Prudenshopping é realizada por Sônia que, por residir na

área, realiza mais deslocamentos, e por Raquel, para acesso a estabelecimentos de consumo e lazer. Outro percurso de convergência comum é o de Tânia e Raquel, no sentido noroeste em relação ao Centro principal. No caso de Tânia, para a prática de consumo em estabelecimento de itens de vestuário, e de Raquel, que segue o percurso para acesso ao município de Álvares Machado, para confraternizar com amigos. Em destaque na figura 1, indicamos o estado do Rio de Janeiro, onde Sônia trabalha em modelo *home office*.

Com base na extensão do raio de mobilidade pudemos perceber uma concentração de hipermercados varejistas ou de atacarejo, instalados em áreas de expansão imobiliária tanto de *habitats* classe média e elite, na zona sul; como de *habitats* populares, em direção à zona norte. As grandes superfícies comerciais, a exemplo destes espaços e, em maior proporção, dos shopping centers, seguem tendo impacto importante na estrutura espacial das cidades, provocando mudança nas opções de escolha quanto ao local para o consumo de gêneros alimentícios, justificadas pelas entrevistadas como melhor alternativa devido à proximidade da moradia e à facilidade do trajeto por vias perimetrais, com menor fluxo de veículos.

## 6. Considerações finais

Como define Lefebvre, o ritmo da vida cotidiana se insere na escala do vivido. Quando percebido, o ritmo está em relação aos objetos, ao entorno e às outras pessoas que compõem a unidade do ritmo, sendo necessário discerni-los e compará-los, pois comportam uma repetição, um tempo diferenciado e uma duração qualificada.

Segundo o perfil selecionado para a reflexão contida neste artigo, baseado na experiência de referência de três mulheres residentes em espaços residenciais fechados de alto e médio padrão na cidade de Presidente Prudente, podemos inferir a manutenção do movimento dos agentes econômicos, influenciando diretamente na estrutura urbana e, como consequência, no ritmo das práticas espaciais cotidianas. Isso ocorre mantendo a localização dos espaços residenciais fechados em áreas periféricas, em relação ao Centro da cidade, cujos acessos são facilitados por infraestrutura viária perimetral que permite, com o uso do automóvel,

otimizar o tempo dos deslocamentos favorecendo com a mobilidade as práticas espaciais cotidianas relacionadas ao trabalho, ao consumo e ao lazer.

Ainda segundo Lefebvre, tomamos consciência da maioria de nossos ritmos apenas quando começamos a sofrer uma perturbação. Referência que ilustra a perturbação provocada pelo confinamento ocasionado pela pandemia de covid 19, alterando o ritmo da vida cotidiana no intervalo entre 2020 e 2022. Com o fim do confinamento, novas estratégias de retomada da economia se refletem em larga escala no ritmo da vida cotidiana o que, na temporalização das narrativas, evidenciou-se com a referência à mudança das três entrevistadas de São Paulo para Presidente Prudente, em busca de qualidade de vida, convívio em família e maior contato com a natureza.

Ademais, no pós-pandemia, outros hábitos, comportamentos e costumes foram adquiridos na escala do vivido, mas ainda há muito a ser percebido pelos sujeitos no contexto das recentes mudanças.

Durante as entrevistas, com a mediação do pesquisador, foram comuns manifestações de surpresa com algumas respostas verbalizadas pelas entrevistadas, levando-as a ampliar a reflexão e a abordagem crítica sobre o tema. Em síntese, a interpretação da experiência narrativa associada ao georreferenciamento das práticas espaciais cotidianas das entrevistadas, delimitando o espaço percorrido e o tempo de deslocamento, levou-nos a ampliar a nossa compreensão sobre os processos intrínsecos à lógica socioespacial fragmentária em relação à estrutura centro-periferia a partir dos pontos a seguir.

Em relação à habitação, observamos uma tendência de localização dos novos espaços residenciais fechados horizontais em áreas pericentrais da cidade, inicialmente com pouca oferta de serviços e comércio. Nessas áreas, com a atuação dos agentes imobiliários propagando os empreendimentos com temas pautados em segurança e status crescem os lançamentos de condomínios verticais de médio e alto padrão.

Acerca do tema mobilidade, a dependência do uso do automóvel próprio e a opção de vias perimetrais diminuindo o tempo para os deslocamentos marcaram as falas das entrevistadas.

Sobre o consumo, identificamos a opção do Centro da cidade, como alternativa para o consumo de itens específicos que concorre com o

aumento e a facilidade do uso de aplicativos para compras frequentes pela internet em plataformas de *e-commerce*; e a tendência de consumo de gêneros alimentícios em grandes superfícies como os hipermercados e atacarejos.

Quanto ao lazer, o aumento de encontros restritos à confraternização em família ou entre amigos, assim como as sessões de cinema em casa, asseveram a tendência à casa bunker como proposto por Lindón (2006b).

Sobre o trabalho, identificamos a mudança de paradigma com o modelo *home office* que redefine as relações de trabalho, mediadas pela produção em rede. Como no caso de Sônia, que se mudou de São Paulo para Presidente Prudente, mas manteve o trabalho no estado do Rio de Janeiro, para onde desloca-se periodicamente para reuniões presenciais.

A representação cartográfica dos trajetos para as práticas espaciais, acrescida da análise do raio de mobilidade, para identificar áreas de convergência comum às entrevistadas, indicou a permanência do Centro principal da cidade como área de convergência comum às três depoentes para as práticas de consumo e lazer; o setor da cidade compreendido entre este Centro e o Prudenshopping que, nas últimas décadas, vem vivenciando a substituição paulatina do uso residencial pelo comercial e de serviços, constitui-se como área de convergência de grande fluxo de pessoas e veículos, com opções de acesso a diferentes setores do espaço urbano. Com destaque, ao observamos as áreas de mobilidade das três entrevistadas, identificamos o quanto as estratégias de concentração de hipermercados e atacarejos em áreas de expansão imobiliária têm induzido o ritmo da vida cotidiana e, como consequência, como tornam-se também elementos para a compreensão da lógica socioespacial fragmentária nos estudos urbanos, visto que distanciam o lugar de morar daquele de abastecimento cotidiano das residências.

Como orienta Breton, a experiência narrada exige a mediação de um pesquisador que torne possível a passagem da experiência do sujeito que a viveu à linguagem. Foi, por meio desse procedimento metódico da pesquisa narrativa, que os fatos e os eventos informados pelas entrevistadas, temporalizados e, posteriormente, organizados e interpretados pelas autoras, puderam contribuir para a revelação de mudanças espaço-temporais. Por isso, sugere-se empreender novas investigações com propostas de análises

comparativas entre cidades, recortes temporais diferentes, perfis socioeconômicos distintos, gênero, padrão habitacional, entre outras possibilidades que projetem tendências. Nos estudos urbanos, a partir da experiência dos cidadãos, isso possibilitará melhor compreender a vida cotidiana nas cidades contemporâneas.

## Notas

- 1 Texto desenvolvido no âmbito do projeto Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FragUrb), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2018/07701-8), desenvolvido no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Presidente Prudente, SP, Brasil.
- 2 O estudo, na pesquisa a que se associa esse artigo, foi integrado à dimensão empírica trabalho.
- 3 Tradução nossa de: *Toda cotidianidad (a) es protagonizada por sujetos que habitan los lugares. La cotidianidad constituye el discurrir de la vida de los sujetos en la cual emerge, se hace y se vuelve a configurar lo social. La cotidianidad también presenta la particularidad de adquirir diversas formas según las prácticas espaciales que cada sujeto despliega en las diversas situación* (LINDÓN, 2012, p.704).
- 4 Em Souza (2013), o leitor encontra reflexão importante sobre a distinção e a relação entre práticas sociais e práticas espaciais.
- 5 D. Jean Clandinin (Universidade de Alberta, Canadá) e F. Michael Connelly (Universidade de Toronto, Canadá) são autores do livro *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*, publicado em 2000, traduzido para a língua portuguesa no ano de 2015, pelo Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores da ILEEL, da Universidade Federal de Uberlândia, e republicado pela EDUFU.
- 6 Hervé Breton (Universidade de Tours, França) é autor do livro *Investigação Narrativa em Ciências Humanas e Sociais*, publicado pela Fundação Carlos Chagas, Cátedra UNESCO, em 2023.
- 7 Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2018/07701-8), desenvolvido no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Presidente Prudente, SP, Brasil. Investigação aplicada em Ribeirão Preto (SP), Presidente Prudente (SP), Maringá (SP), Cidade Tiradentes (SP) e Pimentas (SP), Marabá (PA), Mossoró (RN), Dourados (MS), Ituiutaba (MG) e Chapecó (SC).
- 8 Em Presidente Prudente, no que se refere ao que é chamado como “condomínios horizontais”, a pesquisa de Sposito e Góes (2013) verificou que uma parte deles são loteamentos cujas ruas, calçadas e espaços públicos efetivamente não atendem a norma jurídica condominial, mas tornaram-se de uso exclusivo de seus moradores, por meio de concessão do legislativo municipal.
- 9 Entrevista realizada pela pesquisadora Selma Paula Maciel Batista, em 13 de fevereiro de 2023.
- 10 Entrevista realizada pela pesquisadora Selma Paula Maciel Batista, na data de 09 de dezembro de 2023.

- 11 Trata-se de bairro tradicional da cidade que está separado do atual Centro principal pela ferrovia, o que sempre foi razão para certo desprestígio desta área residencial e, por vezes, a estigmatização de seus moradores.
- 12 O bairro COHAB que, atualmente, contém um subcentro de Presidente Prudente, é resultado de um programa de habitação popular criado no ano de 1978.
- 13 Descrição com base no áudio e no Relatório de Entrevista editado pelo pesquisador Gustavo Nagib que realizou a entrevista na data de 16 de fevereiro de 2023.
- 14 Neste quadro, quando um elemento da narrativa não foi comum às três entrevistadas, identificamos seu codinome.
- 15 Tradução nossa de: *...la construcción social de la casa búnker marca un horizonte esbozado e instaurado a veces, lejano otras, aunque factible. Seguramente no es el único horizonte para la casa, la ciudad y la vida urbana. Asimismo, queremos insistir en que en este fenómeno han desempeñado un papel muy importante las clases medias urbanas por su apertura a estos modos de vida suburbanos. Con la peculiaridad de que esta apertura clase mediera ha sido retomada por los urbanizadores y promotores inmobiliarios y ofrecida repetidas veces como un "producto" también para otros grupos sociales. De modo tal que lo que originalmente era característico de las clases medias urbanas, cada vez parece haber arraigado en más grupos de la estructura social.*

## Referências

BRETON, Hervé. **Investigação narrativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2023.

BRETON, Hervé. Pesquisa narrativa: entre descrição da experiência vivida e configuração biográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 1138-1158, out./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147185>.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. revisada. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DUPUY, G. **Les territoires de l'automobile**. Paris: Éditions Anthropos, 1995. (Collection Villes).

GÓES, Eda Maria; MELAZZO, Everaldo Santos (Org.). **Metodologia de pesquisa em estudos urbanos**: procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022.

GÓES, Eda Maria et al. Entrevistas com Cidadinos. Perspectivas para a análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária. In. GÓES, Eda Maria; MELAZZO, Everaldo (Org.). **Metodologia de pesquisa em estudos urbanos**: procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. p. 71-122.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**: Presidente Prudente. [Rio de Janeiro: IBGE], 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/presidente-prudente/panorama>. Acesso em: 18. ago. 2023

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.

LINDÓN, Alicia. Geografías de la vida cotidiana. In: LINDÓN, Alicia; HIERNEAUX, Daniel (Dir.). **Tratado de Geografía Humana**. Barcelona: Antrophos, 2006a. p. 356- 400.

LINDÓN, Alicia. La casa búnker y la deconstrucción de la ciudad. **LiminaR**. San Cristóbal de las Casas, v. 4, n. 2, jul./dic. 2006b, p. 18-34. Disponível em: <https://doi.org/10.29043/liminar.v4i2.208>.

LINDÓN, Alicia. **Corporalidades, emoções e espacialidades**: rumo a uma intermediação renovada. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 33, p. 698-723, dez. 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>.

SCHOR, Tatiana. O automóvel e o desgaste social. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 107-116, set. 1999. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000300014>.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Fragmentação socioespacial, **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p.1-13, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. Práticas espaciais. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **A construção de uma pesquisa em Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. p. 91-106.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Savério. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. **Geosp**, v. 21, n. 2, p. 462-479, 2017.

SPOSITO, Maria Encarnação B. (Org.). **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira**: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos. 2018. Projeto de pesquisa. Presidente Prudente. (projeto enviado à FAPESP, número 2018/07701-8).

SPOSITO, Maria Encarnação B. Fragmentação, Fragmentações. **XVI Simpurb**, 14 a 17 de novembro de 2019, Universidade Federal do Espírito Santos (texto inédito).

Recebido em 25/08/2023

Aceito em 20/10/2023